Imigrantes açorianos em São Paulo: tempos, tradições e transformações

Maria Izilda Santos de Matos
PUC-SP

Elis Regina Barbosa Angelo
PUC-SP

Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.

SAYAD, A.

Os fenômenos migratórios da contemporaneidade vislumbram o estabelecimento de novos fluxos demográficos, e, apesar das tensões já postas, não se pode prever todo o seu desencadeamento e amplitude, mas projetam-se vetores de deslocamentos e pólos de atração. Como tudo que desempenha a função de revelação dos conflitos e crises, as migrações internacionais também criam oportunidades de reavivar as questões em torno do tema e recuperar sua trajetória na história.

Este trabalho pretende contribuir para o estudo do processo de e/imigração dos açorianos para a cidade de São Paulo, observando a presença desse

grupo na cidade num conjunto de transformações, incorporações, alterações e permanências, que se fizeram por meio de histórias individuais e coletivas.

Busca-se na apreensão das experiências históricas dos açorianos estabelecidos na Vila Carrão o processo de constituição de um território como um emaranhado de informações e traços da cultura açoriana. Desvendar as trajetórias e a teia das relações cotidianas dos açorianos e de seus descendentes demonstra uma preocupação em evidenciá-los como um grupo que foi pouco privilegiado nos estudos sobre a imigração no Brasil.

UMA QUESTÃO: E/IMIGRAÇÃO

A produção em torno da imigração para São Paulo é ampla e tem sido enriquecida na historiografia contemporânea, apresentando variadas abordagens que analisam aspectos diferenciados da questão. A imigração ibérica só mais recentemente tem instigado os pesquisadores,[1] e a maior parte desses estudos tem se voltado para o Rio de Janeiro, onde sem dúvida a presença dos portugueses foi significativa e marcante.[2]

---

1 Para uma visão mais ampla dos imigrantes portugueses no Brasil, ver LOBO, *Eulália Maria L. Imigração portuguesa no Brasil.* São Paulo: Hucitec, 2001. Para a produção em Portugal cabe destacar o livro de PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de Emigração, 1850-1930.* Bauru: Edusc, 2003.

2 RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata Galegos*: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1990; RIBEIRO, Gladys Sabina. *"Cabras" e "Pés de chumbo"* – os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro, 1889-1930. Dissertação (mestrado)– UFF. Niterói, 1987. LIMA, Maria Helena Beozzo. *A missão herdada*: um estudo sobre a inserção de imigrante. Dissertação (mestrado) – UFPR. Curitiba; ALENCASTRO, Luis Filipe. Proletários e escravos – Imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro (1850-1872), *Novos Estudos Cebrap*, n. 21, p.3 0, jul. 1988; SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza. "Ambição e horror à farda" ou a Saga dos imigrantes portugueses no Brasil segundo a Gazeta Luzitana (1883-1889). Tese (doutorado)– FFLCH, USP. São Paulo, 1991; HAHNER, June E. Jacobinos versus Galegos. Urban Radicals Versus Portuguese Immigrants in Rio de Janeiro, in 1890s. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, v. 18, n. 2, May 1976; CORTE, Andréa Telo da. A imigração madeirense em Niterói, 1930-90. Dissertação (Mestrado)– UFF. Niterói, 2002.

Na produção historiográfica sobre imigração em São Paulo percebe-se o enfoque privilegiado de certos grupos, em particular os italianos e japoneses, de modo que as pesquisas sobre os portugueses ainda é campo aberto à investigação[3].

Esse desafio de rastrear a presença lusitana precisa reavaliar posições, observando as diferenças e similaridades em relação às experiências de outros grupos de imigrantes na cidade. Particularmente, questionar a idéia do "imigrante português" enquanto um sujeito histórico universal,[4] enfrentado o desafio de ressalvar as múltiplas experiências de diferentes gerações e gêneros, observando as diferentes levas e os que vieram de regiões variadas.

Esta pesquisa busca examinar as interpretações sobre o tema que privilegiaram o enfoque demográfico e econômico e que estiveram centradas preferencialmente nas referências expulsão–atração. Pretende recuperar e problematizar as relações culturais, além de incorporar as abordagens de gênero e geração.

Ao focalizar a imigração portuguesa, e a açoriana em particular, deve-se observar toda uma complexidade de situações vivenciadas: os deslocamentos, os diferentes projetos familiares e as estratégias para concretizá-los, numa trama de valores envolvendo escolhas, re-orientações, conflitos familiares, geracionais, de gênero, provocando exploração, rompimentos, tensões; também solidariedades, laços de conterraneidade e afetividades.

SAÍDAS E DESTINOS: AÇORIANOS

Apesar das controvérsias sobre os motivos da emigração açoriana, pontua-se, além do solo vulcânico, e das catástrofes naturais, as dificuldades eco-

3 PASCAL, Maria Aparecida. *Portugueses em São Paulo*. São Paulo: Expressão e Arte, 2005; FRUTUOSO, Maria Suzel G. *A emigração portuguesa e sua influência no Brasil*: o caso de Santos (1850-1950). Dissertação (mestrado)– FFLCH, USP. São Paulo, 1989; FREITAS, Sonia Maria de. *Presença portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

4 A dificuldade de trabalhar com os açoriano encontra-se no fato de que muitos dados estão ocultados ou internalizados nas informações sobre os portugueses, tornando-se dados cegos.

nômicas, sociais e familiares, com destaque para o tipo de propriedade, sua exploração e o atraso tecnológico. Também aparecem referências às tensões políticas, às fugas ao recrutamento militar, às poucas oportunidade de trabalho e aos baixos salários, acrescentando-se à frágil expressão do setor comercial e industrial que emperrava o crescimento, contribuindo para as crises de alimentação e outras dificuldades de vida.

Outros autores destacam entre os fatores da emigração açoriana o desejo de "fazer a América",[5] que encontrou um quadro facilitador na política de emigração portuguesa marcada pela ambigüidade (repressiva–permissiva), que facilitava as saídas para o Brasil e outras localidades).[6]

Quanto aos locais de recepção, uma das primeiras referências sobre a emigração açoriana com características sistemáticas foi o Brasil, mas outros fluxos migratórios levaram açorianos para os Estados Unidos, Bermudas, Havaí e Canadá,[7] aparecendo como destinos menos significativos: Venezuela, Argentina e Uruguai, Austrália, África do Sul, Europa, países africanos de língua portuguesa.

No Brasil, apesar do fluxo variável, têm-se notícias de açorianos nos estados do Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, mas a presença é maior no Sul do país, com destaque para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, podem-se rastrear imemoriáveis referências aos açorianos, vinculando-os a tradicionais famílias paulistas. Destacam-se, aí, como "elemento constitutivo dos genes dos bandeirantes paulistas".[8]

Quanto aos inícios da grande imigração (finais do século 19), foram localizadas famílias da ilha de São Miguel nas fazendas na região de Ribeirão Preto (de propriedade de Martinho Prado Jr.) e também em Descalvado, Mogi Mirim, Campinas e Piracicaba.

O recorte que se pretende investigar refere-se ao período de 1950 a 2000, processo no qual a emigração açoriana se expandiu em outros destinos, como

---

5 FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Povoadores da fronteira*: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil. Florianópolis: UFSC, 2000. p. 8.

6 PEREIRA, Mirian Halpern, citada.

7 A emigração sistemática para o Canadá data de 1953, com acordos bilaterais entre Portugal e esse país.

8 Frase do poeta Paulo Bomfim.

Estados Unidos e Canadá, e também no qual as necessidades de emigração parecem ser outras e com outros objetivos, diferentemente do processo de colonização e povoamento dos estados brasileiros do Sul. Cabendo lembrar

> que não houve um único padrão de deslocamento dos grupos familiares, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram bem antes de seus familiares que ficaram aguardando em Portugal; outros vieram ainda quando crianças ou jovens, sem a família nuclear; em outros casos, a família nuclear veio junta, mas em alguns deles não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir.[9]

SÃO PAULO – A CIDADE QUE MAIS CRESCE NO MUNDO

Nos anos 50 ocorreu uma retomada do fluxo de imigrantes portugueses para o Brasil, particularmente depois da assinatura do Tratado de Amizade e Consulta (1953), que também possibilitou a expansão das ações comerciais e financeiras entre os dois países. São Paulo passou a ser o principal pólo de atração, em razão das novas perspectivas de expansão econômica e industrial, particularmente durante o governo de Juscelino Kubitschek.

Na década de 1950, a imigração portuguesa para o Brasil era espontânea, não havendo quotas que a limitassem. Contudo, se o governo português a incentivava, não oferecia subsídios aos imigrantes que também não o recebiam do governo brasileiro, devendo assim contar com recursos próprios para a viagem e fase inicial. Os portugueses que chegaram nesse período somavam-se a muitos que imigraram anteriormente e a seus descendentes. Em 1950, haveria no país 1.085.287 estrangeiros, sendo 310.261 portugueses. Destes, 135.428 moravam em São Paulo.[10]

Nesse período, o Brasil tinha a maior colônia de portugueses no estrangeiro. Essa comunidade constituiu várias associações e centros. As associações

---

9 DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. Imigração, Família e Educação. In: V CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Évora, 2003. p. 3.

10 TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina S.de Souza. *Olhares Lusos e Brasileiros*. São Paulo: Usina do livro, 2003. p. 100.

são de importância estratégica para o governo português, constituindo um veículo de comunicação com uma comunidade marcada pela dispersão.

Dado o número enorme dos portugueses emigrados, bem como sua dispersão e a ausência de mecanismos rigorosos de localização, o único veículo de comunicação bilateral nesse momento são as estruturas locais organizadas sob a forma associativa: embora o recurso a técnicas de comunicação de massas permitisse teoricamente levar determinada informação ao conhecimento de todos os membros de uma comunidade, era inviável o trajeto em sentido contrário.[11]

O governo salazarista (1933-1968) buscou desenvolver a propaganda do seu regime nesta comunidade, tendo como focos de ação as casas e associações, as quais funcionavam como canais para difusão das notícias provenientes do Estado Novo português.[12]

UM TERRITÓRIO AÇORIANO: VILA CARRÃO

Foi justamente a partir das décadas de 1950 e 1960 que os imigrantes açorianos buscaram na cidade de São Paulo novas possibilidades, fixando-se especialmente na Vila Carrão (Zona Leste). Segundo observações pontuadas em estudos sobre a imigração portuguesa,[13] eles habitavam nas ruas Dentista

---

11 TRINDADE, Maria Beatriz Rocha. O diálogo instituído. *Nova Renascença*, p. 234, jul./set. 1984.

12 Sobre outro período de imigração portuguesa para o Brasil, de expressividade, tem-se o ano de 1974, época da queda do Regime Salazarista (Revolução dos Cravos). "A imigração portuguesa desse período, constituiu-se de famílias cujo chefe ou o casal tinha entre 30 e 50 anos e geralmente possuíam boa qualificação profissional e cultural. Eram empresários, executivos, advogados, economistas, comerciantes e industriais. Vieram também imigrantes de Angola e Moçambique, os 'retornados da África', pequenos proprietários de terras e comerciantes que perderam tudo com os novos regimes políticos instaurados naquelas antigas colônias portuguesas". RODRIGUES, Ondina Antonio. *Imigração portuguesa no Brasil*. 4. ed. (Série Resumos, 5). Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura: Departamento de Museus e Arquivos. Memorial do Imigrante/Museu do Imigrante. São Paulo, 2006. p. 18.

13 Segundo apontamentos do processo de imigração portuguesa, a caracterização teve motivações distintas nos períodos que abarcam as décadas posteriores a 1950:

Barreto, Água Funda e Luzia da Conceição Moraes, áreas em que os açorianos e seus descendentes ainda hoje são numerosos.

Com o assentamento dos imigrantes inicia-se um processo de construção e reconstrução em meio a adversidades e conquistas. Na Vila Carrão, por exemplo, os açorianos se fixaram por causa das oportunidades de trabalho, particularmente as oferecidas pelo Cotonifício Guilherme Giorgi, onde ocupavam grande parte dos postos. Os recém-chegados ou os que eram chamados tinham nesses percursos o acolhimento e as indicações para a inserção na fábrica:

> Primeiro veio meu tio, minha tia e duas primas e depois nós viemos ah... o meu pai e minhas 2 irmãs, depois a minha mãe e 4 filhas e depois ainda mais um tio que morou na nossa casa...o meu pai e as minhas 2 irmãs quando chegaram aqui, o meu tio já tinha arrumado um serviço na tecelagem de Guilherme Giorgi, que geralmente onde todos trabalhavam...Meu pai trabalhou sempre em indústria e nessa tecelagem na Cotonifício Guilherme Giorgi, chamava. E trabalhava também fazendo horta, todo pedaço de terra que ele via. Tinha um campo aí do Guilherme Giorgi, que eram tudo casas, sobrados, apartamentos, que tinha ali, que os portugueses se juntavam ali naquele pedaço de terra e cultivavam ali. E isso, e o meu pai trabalhava de noite na fábrica e durante o dia ele pegava as verdurinhas dele, botava num carrinho de mão e ia vender na feira.[14]

Além do trabalho nas fábricas e indústrias, os açorianos dedicavam-se às ocupações em setores técnicos especializados, padarias, supermercados, floriculturas, feiras livres e particularmente nos açougues. As relações de trabalho perpassam a esfera da construção da cidade; homens e mulheres participavam de forma ativa, garantindo a visibilidade atualmente percebida na comunidade que habita a Vila Carrão.

"os imigrantes portugueses vindos nas décadas de 1950 e 1960 têm características distintas daqueles que vieram na época da grande imigração.Camponeses, pessoas com alguma qualificação profissional que, às vezes, chegavam com algum capital e abriam seus próprios negócios, ou jovens que não queriam servir o exército nas colônias portuguesas da África, nas guerras de independência. Um expediente muito utilizado pelos imigrantes para conseguir o visto de entrada no Brasil foram as 'cartas de chamada', isto é, um contrato de trabalho, ou então vinham como turistas e aqui se instalavam". Ver FREITAS, Sônia Maria de, 2006, citada, p. 76.

14 Depoimento de dona Lurdes.

As experiências concretizadas deixam suas marcas no patrimônio construído e nas heranças imateriais: festas, manifestações culturais e religiosas que buscam a memória dos antepassados. Assim, abrem-se

> mais explicitamente as possibilidades de pesquisas de natureza global, em que temas como a açorianidade, as memórias da migração, a identidade diaspórica, a formação de redes transnacionais, as comunicações virtuais, a política cultural, as formas de organização comunitárias e as diferenças entre as comunidades inseridas em contextos nacionais específicos, aparecem como campos privilegiados de pesquisa.[15]

As casas regionais,[16] associações e demais entidades surgem no momento em que os imigrantes necessitam auxílio, não só pela procura de trabalho mas também pela busca de manutenção dos padrões culturais e inserção, assentamento e apropriação do urbano, quando a cidade passa a ser uma nova realidade para essas pessoas. Assim, a Casa dos Açores foi fundada na Vila Carrão em 22 de junho de 1980.

MEMÓRIA, TRADIÇÃO E PATRIMÔNIO

Para além de focalizar as questões explicativas dos motivos de saída do país de origem e das necessidades que se apresentavam na região que recebia os imigrantes, novas abordagens buscam observar as perspectivas culturais, nas circunstâncias do assentamento e mesmo depois dele.

Expectativas, aspirações, sonhos, desalentos e resistências culturais presentes no cotidiano e no enfrentamento do dia-a-dia tornaram-se, assim, ob-

---

15 LACERDA, Eugenio Pascele. *Atlântico açoriano*: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Tese (doutoramento em Antropologia Social)– UFSC. Florianópolis (SC), 2003. p. 52.

16 Sobre a criação e objetivos das Casas Regionais: "apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais – é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam...". SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. UnB, 1990. p. 67.

jetos de investigação, com histórias de vida constituindo-se em exemplos emblemáticos da epopéia dramática que sempre marcou o ato de abandonar o conhecido e o familiar em prol do desconhecido e da solidão no além-mar.[17]

Nesse sentido, cabe também observar as formas de sociabilidade, a manutenção de elos e as rupturas com o passado, as alterações ao longo do processo de imigração, os entrelaçamentos estabelecidos e a construção das identidades que se definem e se redefinem ao longo das trajetórias e das gerações.

Se um sentido de identidade se perdeu, precisamos de outro, o que nos torna cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do outro.[18]

Assim, as identidades construídas e reconstruídas constituem elos entre o passado e o presente, reforçados pelas representações culturais e religiosas e por diferentes experiências e práticas, entre elas as festas.

As identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias, Mas, como tudo que é histórico, elas sofrem uma transformação constante. Longe de estarem eternamente fixadas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo "jogo" da história, da cultura e do poder.[19]

As festas religiosas, como é o caso da festa do Divino, são relevantes para a comunidade enquanto elementos de "memória, tradição e patrimônio".

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

As festas e comemorações religiosas fazem parte do legado cultural dos imigrantes, em especial a festa do Divino Espírito Santo, que todos os anos é comemorada pela comunidade de origem açoriana.

---

17 MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens portugueses: histórias de trabalho, histórias de sucessos, histórias de fracassos. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000. p. 166.

18 ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. *Cartografias dos estudos culturais*: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação)– US, São Paulo, 1999. p. 196.

19 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 225.

Antes de surgir a Festa do Divino dos açorianos na Vila Carrão, a comemoração se realizava na região central da cidade, na Capela do Divino Espírito Santo (rua Frei Caneca). Construída pelos açorianos no final do século 19, a partir de 1911 essa capela passou a ser denominada Espírito Santo da Bela Vista.

As famílias se esmeravam nos preparativos da festa, costurando os vestidos brancos, assando as roscas e as "massas sovadas", tradições açorianas que aqui cultivavam. Até 1903 os festejos do Divino não sofreram alteração alguma, transcorrendo as festas religiosas com grande afluência de açorianos. A necessidade de um maior espaço levou à construção de um templo mais amplo, iniciada em 19 de fevereiro de 1905.[20]

A festa era realizada no mês de maio no bairro da Bela Vista, mas percorria outros bairros, chegando até a Barra Funda, onde havia muitos devotos. Os peditórios, ajutórios e folias eram feitos ao longo dos trajetos, sempre envoltos em muita alegria, danças, músicas e repentistas, que batiam de porta em porta para angariar fundos a serem doados para carentes da cidade. Mas os festejos também buscavam animar a população paulistana.

Atualmente a festa está vinculada à comunidade açoriana da Zona Leste de São Paulo. Mantém-se também em algumas cidades do interior do estado, constituindo elos com o passado que favorecem as reminiscências:

> A festa profana constava comumente dos clássicos leilões de prendas, levantamento do indefectível "pau-de-sebo" e do "mastro" do Divino, com as tradicionais salvas de "roqueira", queima de rojões e "fogueiras" que a sinonímia indígena converteu em "caiera", finalizando com o insubstituível "cateretê" entre a caipirada, e baile à européia para os convidados mais grados do festejo, terminando tudo em opípara ceia para todos, na "casa do império", e farta distribuição de gêneros alimentícios aos pobres.[21]

Apesar da extinção de alguns elementos que constituíam a festa profana do Divino, foi possível manter a religiosidade e a manifestação cultural, esta constantemente recriada:

---

20 FREITAS, Sônia Maria de, 2006, citada, p. 195.

21 Ibidem, p. 169-70.

> Mas as festas do Espírito Santo em nossa terra perderam a originalidade da primitiva comemoração profana, com o desaparecimento do peditório em folia, desassimilado pela enorme massa de imigração bruscamente fixada em São Paulo, expoente incomparável de vitalidade e de progresso, mas também elemento poderosamente modificador de usos e de costumes; daí talvez, ter-se originado, moderadamente, a série de proibições conjuntas do poder eclesiástico com o secular que, a partir do bispo D. Antonio de Mello, vem apressando o desaparecimento da tradicional prática.[22]

Diante das proibições a festa foi paulatinamente se modificando. Alteraram-se algumas peculiaridades e singularidades, como uma forma de conservar costumes e hábitos que desagradavam a Igreja e o Estado, mas apesar de tudo a manifestação conseguiu manter-se.

Com a instalação dos açorianos na Zona Leste da cidade, a primeira festa do Divino foi realizada por essa comunidade em maio de 1974, na tentativa de dar visibilidade às suas tradições. Como já dissemos, na tentativa de reunir o maior contingente possível de descendentes, em 22 de junho de 1980 criou-se a Casa dos Açores de São Paulo, que passou a encabeçar as comemorações.

Assim, as festividades estão concentradas na região há mais de trinta anos, e a celebração religiosa inicia-se praticamente no domingo de Páscoa, cinqüenta dias antes do domingo de Pentecostes. É considerada uma festa tradicional Luso-Açoriana, na qual se desenlaçam atividades como a reza diária dos terços durante as sete semanas, alternando-se as rezas cantadas pelos homens e pelas mulheres da comunidade.

Os símbolos do Divino (Coroa e Bandeira) são levados para diferentes casas sorteadas a cada ano, sempre no último domingo de festa, conhecido como "as domingas do Divino". As datas e os locais onde se farão as rezas e os demais rituais da festa ficam, assim, previamente determinados. Também nessa ocasião ocorrem as Folias do Divino, que são as cantorias feitas de improviso por repentistas que vão recolhendo doações e cantando em agradecimento à comunidade.

Dessas folias faz parte a comida, com destaque para as lingüiças, alheiras, massas sovadas, malassadas e morcelas, típicas da gastronomia açoriana, além do vinho doado pelos colaboradores da Casa dos Açores. Esses pratos típicos são vendidos em barraquinhas durante as festividades.

---

22 FREITAS, Sônia Maria de, 2006, citada, p.177.

No dia de Pentecostes, às nove e meia da manhã inicia-se a procissão, saindo da Casa dos Açores em direção à Igreja de Santa Marina Virgem, também na Vila Carrão, onde se realiza a missa em louvor ao Divino Espírito Santo.

Durante o ritual religioso, sete crianças são coroadas e dão a bênção aos presentes, em nome do Divino Espírito Santo. Durante todo o dia continuam as festividades, com apresentação de grupos folclóricos que cantam e alegram os visitantes com as antigas cantigas portuguesas e açorianas.

A cada ano a festa é organizada por um casal diferente – os "mordomos da festa", escolhidos e anunciados ao final da festa anterior, momento em que já se iniciam os preparativos das comemorações para o próximo ano.

Esse elo entre passado e presente leva à identificação da festa como um marco da cultura açoriana, num processo de construção da identidade cultural e política dessa comunidade. Nesse processo se constitui uma territorialidade (Casa dos Açores) demarcada pela comunidade de açorianos e seus descendentes, os sujeitos históricos que participam ativamente da promoção da festa enquanto associados e através da arrecadação de fundos, promovida ao longo do ano.

Nesse território são oferecidos alguns itens religiosos e gastronômicos, como: bacalhoada, massa sovada, cordeiro assado, cozido açoriano, também os terços do Divino Espírito Santo, Festa do Divino, quermesse da festa, Revelando São Paulo (no parque da Água Branca), Semana Cultural Açoriana, apresentação dos grupos folclóricos, Massa sovada de Natal, entre outros.

Os sabores das antigas receitas, as sonoridades, os momentos de sociabilidade e as lembranças caracterizam identificações pessoais e coletivas, nas quais se inscrevem as memórias, as formações culturais materiais e imateriais que constituem um legado cultural da comunidade por longos períodos. A cultura material e imaterial não é estática, vai se remodelando através da incorporação de mudanças, adaptações e transformações:

> A enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima. Trata-se do problema de como ao significar o presente, algo vem a ser repetido, relocado e traduzido em nome da tradição, sob a aparência de um passado que não é necessariamente um signo fiel da memória histórica, mas uma estratégia de representação da autoridade em termos de artifício do arcaico.[23]

---

23 BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 64-5.

Apesar das mudanças ocorridas na cidade e na trajetória de vida dos membros da comunidade, até mesmo com o deslocamento de alguns para outros bairros, os açorianos continuam a reconhecer a importância e a necessidade da sobrevivência das raízes. Assim, as identidades passam a ser reforçadas por atos, traços e tradições, o que leva o grupo a perceber e valorizar, aos poucos, as suas diferenças e especificidades.

Graças à festa, esses sujeitos históricos constroem de forma resistente elos entre o passado e o presente, ora modificando, ora transformando, mas com reminiscências capazes de garantir a continuidade da cultura açoriana, também presente nos diversos momentos da vida cotidiana. Assim, os açorianos da Vila Carrão associados na Casa dos Açores – criada com o objetivo de reunir luso-açorianos e brasileiros luso-descendentes – conseguiram, de maneira lúdica, expressar os sentidos de pertencimento ao local e de evocação de memória coletiva.

Ao pensar no *território* (Casa dos Açores e Vila Carrão) como uma construção de experiências e de trocas culturais, deve-se entender que nele se inscreve a memória, se desenham as vivências do presente e do passado, hábitos, formas, sonoridades, sabores, todo um conjunto de especificidades identitárias que estabelecem ligações simbólicas e emocionais. Dessa forma, esse território deve ser analisado como *locus* de sociabilidade e revelação de cultura. A festa e outras manifestações são as referências que contêm as memórias dos Açores.